

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

A INFÂNCIA DAS CRIANÇAS PATAXÓ:
OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DAS CRIANÇAS NA ALDEIA CORUMBAUZINHO
(BA)

BELO HORIZONTE – MG

2021

Samara da Silva Santos Ferreira e Reginaldo da Silva Santos

A INFÂNCIA DAS CRIANÇAS PATAXÓ: OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DAS
CRIANÇAS NA ALDEIA CORUMBAUZINHO (BA)

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Pedro Rocha

BELO HORIZONTE – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao nosso Tupã, por ter nos dado força, sabedoria e coragem para prosseguir. Agradecemos também a nosso querido e amado pai Ednaldo Ferreira, por nunca ter desistido da gente e por sempre batalhar por nós, para termos uma boa educação. Mesmo com as dificuldades da vida, nosso pai foi um grande guerreiro que sempre esteve conosco, em todos os momentos alegres e tristes, mas sempre nos ajudando a conseguir realizar os nossos sonhos, que também era um sonho dele nos ver um dia formados numa universidade.

Gostaríamos também de agradecer nossa mãe Alda, por ter sempre nos aconselhado, nos dando apoio, mesmo distante de nós, mas sempre nos dava bons conselhos. Aos nossos irmãos: Regivaldo, Reigivan, Sanivia, Saniele, Samira, por fazer parte de nossas vidas, em especial agradecer a minha irmã Silmara, por me acompanhar todas as vezes que eu ia para Belo Horizonte, e ela com todo amor e carinho ia comigo tomar conta de minhas duas filhas, deixava tudo para trás para tentar me ajudar, foi uma pessoa fundamental que não poderia esquecer dela.

Agradecemos de coração nossa comunidade de Corumbauzinho, cacique e lideranças, por ter confiado em nós e acreditado em nosso potencial. Não deixando de agradecer também nossos anciãos que não estão mais entre nós, mas lutaram para que hoje estivéssemos uma oportunidade de cursar uma universidade federal. Agradeço também aos meus professores da minha comunidade, pela paciência que tiveram comigo, pelos conselhos que sempre me deram e por sempre tá me incentivando a não desistir de mim mesmo e a sempre procurar melhorias não só pra mim mais também para a minha comunidade. Agradecemos também ao nosso coordenador e orientador Pedro Rocha, pela paciência conosco e sempre está disposto a nos ajudar quando precisamos, foi um professor muito especial em nossa formação acadêmica, esteve presente desde o início até o final do curso, nos ajudando e incentivando cada um de nós nas atividades e trabalhos da faculdade.

Agradecemos a todos os professores do Fiei que fizeram parte da nossa trajetória acadêmica: Ana Gomes, Charles, Paulo Maya, Edgar, Priscila, Marcos Bortolus, Shirley, Pablo, Erica, Josiley, Juarez, Celio, Sandro, Lucinha, Mateus Sevilha, esses foram as pessoas que tiveram grande contribuição para que pudéssemos chegar a esse momento de finalização, não há palavras para agradecer esses guerreiros que foram responsáveis pela nossa formação como

professores indígenas, gratidão a todos. Não podemos esquecer também de agradecer aos bolsistas da CSH que estiveram conosco durante esses quatro anos, nos ajudando quando precisávamos, tirando nossas dúvidas.

Agradeço também com muito carinho ao meu esposo Iraty Nascimento, por ter me dado o total apoio em permitir que eu fosse estudar em Belo Horizonte, e sempre me incentivando e mimando conselhos para continuar os meus estudos, dizendo que isso seria uma vitória para nossa família futuramente. Não poderia deixar de agradecer as minhas filhas Itxahá Kãdara e Dxahá Tãnara, por sempre está do meu lado quando eu ia pra faculdade, e elas mesmo pequenas, mas não me abandonaram por nada, esse período inteiro de faculdade elas sempre estavam comigo.

Agradecemos as crianças de nossa comunidade que se fizeram muito presentes nesse trabalho, mostrando a sabedoria imensa que elas possuem e o modo de vida de cada uma. E agradecemos também as nossas parceiras que concederam entrevistas com seus conhecimentos tradicionais para que esse trabalho fosse desenvolvido. Agradecer os meus professores do colégio 25 de julho, que foram responsáveis pela minha formação do ensino médio, com todas as dificuldades, mas sempre estavam me orientando e me ajudando para que eu conseguisse mim formar. Por fim agradecer a turma CSH que construímos uma grande amizade, interagimos bastante, em especial minhas colegas de sala: Maria Núbia, Sayara, Sandriana, Sekuaí, Ana Clara e toda a turma.

RESUMO:

Essa pesquisa tem por finalidade mostrar a vivência das crianças pataxó da aldeia de Corumbauzinho, despertando nelas a importância da preservação da nossa cultura, que é passada de geração para geração, desde a convivência familiar à vivência na escola e comunidade. Foi desenvolvida através de entrevistas com as parteiras da aldeia, contando sobre a importância dos conhecimentos tradicionais e uso das plantas medicinais no período de gestação e nascimento das crianças, mostrando a diferença de um parto tradicional para um parto científico. Além disso, buscamos também observar as crianças da aldeia e as suas atividades praticadas no dia-a-dia, seja nas brincadeiras ou quando estão ajudando seus pais dentro de casa. Buscamos também nesse trabalho mostrar a diferença entre as brincadeiras que eram brincadas pelos nossos mais velhos para as brincadeiras que são brincadas hoje em dia. Atualmente com o avanço das tecnologias, algumas crianças estão mais envolvidas em celular, tablet ou televisão, deixando de lado a vontade de querer brincar, isso impede das crianças terem uma infância tradicional e ter a liberdade de brincar e ser feliz, só que em nossa aldeia, é a minoria, pois nem todas as famílias tem acesso a essas tecnologias.

Palavras-chave: infância, criança, Pataxó

Sumário

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| CAPÍTULO 1. NASCIMENTO | 15 |
| Cuidados e resguardos depois do nascimento | 20 |
| A escolha do nome da criança | 21 |
| Sobre o Batismo | 22 |
| CAPÍTULO 2. INFÂNCIA | 23 |
| A criança na convivência familiar | 23 |
| Descrição da rotina de uma criança homem | 24 |
| Rotina de uma criança mulher | 25 |
| A rotina da criança indígena | 25 |
| Armadilhas como brincadeira e diversão para as crianças da aldeia | 26 |
| A criança indígena e a escola | 28 |
| CONCLUSÃO | 34 |
| CADERNO DE IMAGENS DA INFÂNCIA EM CORUMBAUZINHO | 36 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo descrever a infância pataxó a partir das vivências das crianças na aldeia Corumbauzinho município de Prado Bahia, terra Indígena de Barra Velha. É de suma importância registrar o modo de vida das crianças na aldeia, as brincadeiras com que se divertem, a rotina de cada uma acompanhada de suas famílias. Muitas vezes, pensamos em discutir ou escrever tantos outros temas e esquecemos de que tratar de infância nos faz pensar nas gerações que governarão o mundo futuramente.

Diante desse contexto a infância na aldeia é o início de tudo, onde a criança começa a se identificar como um ser indígena, e passa a ter uma relação maior com o mundo, se adaptando ao modo de vida na aldeia, aprendendo a valorizar a cultura e a identidade do seu povo. Atualmente as crianças indígenas exercem uma função muito importante na comunidade, não apenas de brincar e se divertir, mas também de ajudarem suas famílias seja num plantio, num artesanato, dentro de casa, sempre estão presentes. Contudo isso, as crianças criam um laço de afetividade com suas famílias, vizinhança, e essa aproximação faz com que se sintam mais unidos para praticar o bem, além de criar um sentimento de amor pelo próximo.

Através desse trabalho foi possível perceber que para ser criança indígena não basta apenas “nascer sabendo”, e sim que as crianças indígenas nascem com o dom de aprender facilmente o modo de se viver na aldeia e os seus costumes. Neste sentido, falar de infância é pensar que as crianças possuem uma relação de saberes que são compartilhados no cotidiano, seja na convivência familiar, ou na afetividade.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No Primeiro capítulo abordaremos sobre o nascimento da criança que vive na aldeia, os cuidados que a gestante deve ter no período de gravidez, pós-parto e resguardo. No segundo capítulo, trataremos do período de infância, onde detalhamos a diferença entre uma criança que vive na aldeia com uma criança que vive na cidade, e retratamos também fazendo a comparação sobre a rotina de uma criança mulher, e a rotina de uma criança homem, observando aspectos de diferenciação e semelhanças entre ambos. Por fim, no terceiro capítulo tratamos sobre as brincadeiras praticadas cotidianamente pelas crianças da aldeia, e além disso relatamos também as armadilhas feitas pelas crianças que são consideradas diversão para elas no dia a dia.

Antes de passar para o primeiro capítulo, vamos apresentar uma pequena biografia da autora e do autor deste trabalho.

SAMARA

Meu nome é Samara da Silva Santos Ferreira. Nasci no dia 29/06/1996, na cidade de Prado Bahia. Sou filha de Ednaldo Ferreira dos Santos e Alda da Silva Santos ambos pertencentes à etnia pataxó. Resido na aldeia Corumbauzinho há 17 anos, sou casada e tenho duas filhas, uma de 5 anos e outra de 2 anos. Tenho 7 irmãos.

A minha vida na aldeia começou no ano de 2000 quando eu tinha 4 anos de idade, pois quando eu nasci meus pais ainda não morava na aldeia, porque na aldeia era muito difícil de conviver sem emprego, então meus pais moravam numa fazenda, onde meu pai trabalhava para o dono da fazenda.

Foi só nesse ano de 2000 que meu pai resolveu voltar para morar numa aldeia, porque antes dele ir morar nessa fazenda, ele morava numa aldeia chamada aldeia Cahí, e depois com muito incentivo do meu avô, meu pai voltou pra morar na aldeia, porém em outra aldeia, chamada aldeia Corumbauzinho. Nesse tempo meus pais só tinham 4 filhos, era eu, minha irmã e mais dois irmãos. Quando chegamos na aldeia foi muito difícil, porque meu pai precisava trabalhar pra manter a família, e próximo da aldeia não tinha trabalho nenhum. Então meu pai resolveu procurar trabalho numa fazenda à 30 quilômetros da aldeia. Como ele não tinha nenhuma bicicleta pra ir e voltar todos os dias, ele ia montado de jegue pro trabalho, e passava a semana toda lá na fazenda, só vinha em casa final de semana visitar a família e trazer alguma coisa de alimentação. De onde meu pai trabalhava pra escola era bem perto e ele, já bem velho, resolveu estudar. Ele ia pra escola a pé ou de jegue.

Nesse tempo, na aldeia ainda não tinha escola nenhuma e nenhum professor formado. No ano de 2001 começou a funcionar uma escolinha na aldeia, onde só tinha um professor e dava aula pra turmas multisseriadas. E foi nesse ano que comecei a estudar, só que como a nossa casa era bem no finalzinho da aldeia (ficava a 7 quilômetros da minha casa a escola), tinha uma combis que levava eu, minha irmã e mais alguns vizinhos que iam estudar. Muitas vezes chovia e a combis não vinha trazer a gente da escola, e aí tínhamos que vir a pé. As vezes passava muitos

dias ou até um mês sem a combis vir buscar os alunos pra levar pra escola, e aí eu perdia bastante aula. E os dias foram passando e a situação foi ficando mais complicada ainda pra eu estudar. Cheguei a ficar até três meses sem estudar devido a situação desse transporte que levava a gente pra escola.

Mas mesmo assim continuamos nessa escola da aldeia. Em 2002 meu pai me colocou numa outra escola, uma escola que não era indígena e sim escola do movimento sem-terra, aí as coisas deram uma melhorada, mais não foi tanto, por que pra ir pra essa escola era 14 quilômetros da minha aldeia. Era um ônibus que levava os alunos, só que na maioria das vezes esse ônibus só vivia quebrado ou sem combustível, e perdíamos bastante aula também. Às vezes ficava até 15 dias sem eu ir na escola, mas vencemos esse ano nessa escola. Em 2003 continuei nessa mesma escola de assentamento, mesmo com as lutas, com as perdas de aula, consegui vencer mais um ano e passei pra 1ª série.

Em 2004 meu pai me matriculou na escola da aldeia novamente e continuou a dificuldade pra gente ir pra escola, com isso só estudamos até junho na escola da aldeia. Então meu pai decidiu mandar eu e meus irmãos pra estudar na cidade e morar um tempo com minha tia, irmã dele, porque além da dificuldade que eu estava tendo pra estudar, meu pai estava desempregado e não estava com condições financeiras nenhuma de manter a família, pois ele havia saído da fazenda e estava sem trabalho nenhum. Ele só dizia assim pra mim e pra meus irmãos: “Deus proverá meus filhos”, e ele disse que, a partir daquele momento, ele não iria trabalhar pra mais ninguém, e que cultivaria pra nossa família. Ele dizia que queria continuar os estudos, porque era o sonho dele concluir o ensino médio e conseguir um emprego pra melhorar as condições. Então com as palavras do meu pai fomos morar com minha tia na cidade, foi eu, minha irmã e meus dois irmãos.

E chegando à cidade minha tia colocou meu irmão menor na creche, e foi tentar encontrar vaga em escola pública pra mim e meus dois irmãos, mas só encontrou uma vaga então ela matriculou meu irmão, que ia iniciar os estudos ainda, e eu e minha irmã minha tia matriculou numa escola particular, e, como ela tinha um trabalho de agente de saúde e sabia da situação de meu pai, ela mesma se ofereceu em arcar com todas as despesas da escola. Nesse ano que eu cheguei nessa escola na 1ª série eu não sabia era quase nada, não sabia nem escrever meu nome, e o tempo foi passando eu tive um grande desenvolvimento na escola. Em 2005 continuamos morando na cidade e estudando na mesma escola, só que a saudade dos nossos

pais era tão grande que eu e meus irmãos só vivíamos chorando, pois nós não tínhamos nem a oportunidade de ir na aldeia visitar nossa família. As vezes, quando meu pai trabalhava pra alguém e conseguia um dinheiro, aí ele ia na cidade visitar a gente e levar algumas frutas, verduras, tudo do que ele plantava na aldeia ele levava pra gente.

Em 2006 continuei estudando na cidade até metade do ano, e foi quando eu não aguentei mais viver tanto tempo distante da família. Então cheguei pra minha tia e falei que eu queria voltar pra aldeia pra morar com meus pais. Ela disse que era pra esperar meu pai conseguir um trabalho, mas eu falei que não queria esperar mais, pois eu e meus irmãos já tínhamos esperado demais. E minha tia resolveu atender o nosso pedido, arrumou eu e meus irmãos e levou nós pra aldeia. Quando eu cheguei na aldeia minha mãe já não estava mais, e meu pai disse que já estava fazendo um ano ele morando sozinho e que minha mãe tinha ido com meu irmão menor pra casa da mãe dela pra conseguir um trabalho na roça de mamão.

Nesse mesmo ano eu fui estudar numa escola de uma aldeia vizinha, eu já estava cursando a 4ª série, só que as coisas já estavam bem melhores, porque meu pai já tinha várias roças de mandioca, de feijão, de milho, de abacaxi, de batata, várias frutas, verduras, e vivendo da agricultura mesmo. As coisas já estavam bem diferentes, e minha mãe assim que soube que eu e meus irmãos tínhamos chegado, ela retornou e tudo ficou bem melhor pra todos nós.

Em 2007, já na 5ª série, voltei a estudar na escola do assentamento, e era o último ano do meu pai nessa escola, pra concluir o ensino médio. As coisas foi melhorando bastante pra nossa família. Meu pai concluiu o ensino médio aos 44 anos de idade, pois era um sonho dele que estava se tornando realidade. Em 2008 meu pai já tinha concluído e surgiu algumas vagas pra trabalhar na escola da aldeia, e a comunidade, juntamente com o cacique, apoiaram meu pai pra trabalhar na escola. Só que o contrato que meu pai foi contratado era PST (prestador de serviço temporário) e tinha vez que demorava um ano ou 6 meses pra receber pagamento.

Mais enquanto meu pai trabalhava na esperança de receber o salário dele, ele não ficava parado não, mesmo sem salário ele fazia um ou dois sacos de farinha pra vender ou trocar por peixe na praia, e assim a vida seguia. Meu pai mesmo ficou trabalhando um ano sem receber, a vantagem era que quando recebia, recebia todos os meses pendentes, e quando meu pai recebeu o primeiro pagamento dele, referente a 12 meses, a primeira coisa que pensamos foi numa casa, pois nós morávamos numa casinha de barro bem pequena de apenas um cômodo só pra todos

nós, e nesse ano nasceu mais uma irmã minha, a família só estava crescendo e nós naquela casinha, onde eu e meus irmãos dormíamos todos embolados numa única esteira de taboa.

Mas meu pai disse que não dava ainda pra fazer a casa porque o que ele queria era comprar algumas camas e colchões pra mim e meus irmãos dormirmos. Ele disse que já estava preocupado com a gente, em pegar algum resfriado naquela esteira forrada no chão que não tinha nem piso, era de chão batido mesmo. E ele comprou um beliche e uma cama e falou pra nós ir dormindo de 2 pessoas até que ele tivesse condições de comprar uma cama pra cada um. Em 2009 eu já estava na 7ª série estudando na mesma escola do assentamento, eu sofria muito preconceito nessa escola por ser indígena, pois muitos colegas me chamavam de bicho do mato, porque eu não gostava de participar de nenhuma apresentação na escola. Eu andava mais era sozinha. Mesmo com tudo isso eu não podia fazer nada, porque aquela era a única escola que tinha das séries iniciais até o ensino médio, era a única opção: ou estudava lá ou ficava sem estudar.

Em 2010 cursei a 8ª série. Os professores da escola onde eu estudava tinham um carinho muito grande por mim. Em 2010 passei pra 8ª série, e meu pai sempre me aconselhava pra eu nunca desistir de estudar, pois ele me dizia que era a única coisa que ele podia me oferecer, pra eu não fazer igual ele que concluiu o ensino médio bem velho, com 44 anos, não por que ele quis, mas devido as condições. Ele não tinha nem como comprar um caderno, e o trabalho que era demais, que ele fala que se ele parar de trabalhar vai morrer de fome.

Em 2011 meu pai passou numa seletiva Reda (Regime especial Administrativo) e as coisas melhoraram mais ainda por que não houve mais atraso no salário, trabalhava e todo final de mês o dinheiro tava na conta. Então nesse ano ele me disse que ia pagar um curso de informática pra mim, pois ele me falou que talvez no futuro aquele curso iria servir pra eu conseguir um trabalho.

E eu já estava no 1º ano do ensino médio. E então ele me matriculou na microlins pra fazer esse curso. Nesse tempo era 100 reais por mês que ele pagava na mensalidade do curso. E eu passei dez meses fazendo esse curso, eu estudava normalmente na escola durante a semana e quando chegava sábado eu tinha que andar 8 quilômetros pra pegar o ônibus que ia pra cidade pra eu ir fazer esse curso. Estudava das 11 horas da manhã até as 2 da tarde, e aí tornava pegar o ônibus pra voltar pra casa. Quando eu chegava no ponto onde tinha que descer pra caminhar

pra minha aldeia, eu até imaginava a distância que teria que andar sozinha na estrada. Muitas vezes eu chegava em casa 7 ou 8 horas da noite. Foi uma fase muito difícil pra mim, mais eu consegui vencer essa batalha.

Em 2012 eu já estava no 2º ano do ensino médio, e foi aí que houve a separação de meus pais. Foi um momento muito triste pra mim e para meus irmãos, pois apesar de tudo nós tínhamos duas irmãs bem pequenas e que ficaram com meu pai também, pois minha mãe foi embora e meu pai não permitiu que ela levasse nenhum dos filhos, porque pra onde ela foi não tinha escola nenhuma, e meu pai sempre lutou e batalhou pra ver a gente na escola, pois ele sempre fala que pra gente ser alguém na vida tudo depende do estudo.

Esse ano foi um ano de correrias para mim, pois como eu era a filha mais velha e já estava com 16 anos, então meu pai falou que iria me colocar pra estudar no turno noturno por que teria que cuidar das minhas duas irmãs pequenas, pois ele trabalhava durante o dia na escola, e meus demais irmãos todos estudavam e as meninas pequenas não poderiam ficar em casa sozinhas.

Então fui estudar a noite, só por causa delas, mas até acostumei com aquela rotina de dona de casa. Elas acostumaram tanto comigo que até me chamavam de mãe. Logo no início foi um pouco difícil elas acostumarem por causa da falta de nossa mãe que elas sentiam, mas depois até conseguiram se adaptar à nova rotina de vida. De vez em quando minha mãe vinha visitar a gente, passava quatro dias com a gente.

Em 2013 foi um ano de muita felicidade e uma honra para mim e principalmente pro meu pai, foi ano em que apesar das lutas, das necessidades, das dificuldades, que enfim consegui superar todas e concluir o ensino médio. Em 2014 o cacique da minha aldeia me ligou perguntando se eu queria trabalhar na escola como secretária. Eu fiquei na dúvida e ele me falou que ele tinha me indicado porque pra esse papel tinha que ser uma pessoa que tivesse habilidade em informática. Então eu encarei esse cargo. Logo no início fiquei um pouco atrapalhada, sem saber qual era minha função na escola, mas tive treinamento, e consegui compreender muita coisa importante.

Nesse mesmo ano conheci o meu esposo, que é lá de Barra Velha. Comecei a namorar e resolvi casar. Meu pai não queria que eu casasse logo sem cursar uma faculdade, mas eu prometi pra ele que mesmo eu casando eu iria cursar uma faculdade. Em 2015 comecei cursar uma faculdade de letras na Unopar, só que aí eu engravidei e comecei a passar muito mal, fiquei

afastada do meu trabalho 3 meses, e resolvi desistir da faculdade. E em dezembro desse mesmo ano tive a minha filha. Em 2016 comecei a cursar uma faculdade de pedagogia na UESSBA e me inscrevi na UFMG, só que me falaram que a concorrência pra UFMG era muito grande e que raramente eu poderia conseguir uma vaga, mas eu falei que mesmo assim eu iria tentar, e tentei.

Em 2017, no mês de março, fui fazer a prova, eu e mais alguns colegas da minha aldeia que estavam inscritos. Só que quando estávamos indo pra cidade de Porto Seguro fazer a prova, o carro que estávamos viajando deu um problema, aí deixamos esse carro parado na BR e fomos de táxi até a cidade de Porto Seguro. Só dois colegas que estavam sem dinheiro que ficaram sem ir fazer a prova. Eu fui e, chegando lá na escola onde iria ser feita a prova, o fiscal me viu com a minha filha e perguntou se eu tinha levado alguém pra tomar conta dela. Eu falei que não, e ele me disse que eu não iria fazer a prova, mas eu falei que eu não iria dar viagem perdida, porque eu havia pago muito caro a um taxista pra me levar até o local da prova. Ele quase não compreendeu, e veio outro fiscal e me colocou em sala separada, mais outra mulher indígena que também estava com criança. E eu fiz a minha prova com a minha filha no colo, mas fiz de tudo e consegui realizar minha prova.

Após uns 15 dias eu estava em casa sozinha me arrumando pra ir pra faculdade de pedagogia, quando um colega mandou uma mensagem me parabenizando, dizendo que eu tinha passado na UFMG. Logo eu nem acreditei, mais ele me mandou a lista das pessoas que tinham passado e foi aí que eu acreditei. Só que no meu pensamento era pra não deixar minha família de lado e ir pra Belo Horizonte cursar a faculdade. Eu falei pra meu marido que eu não iria não, por que era muitos dias longe da família, e que minha filha estava muito bebezinha pra eu ter que deixar ela, mas ele e meu pai me disseram que eu tinha que ir, e que tinha que aproveitar as oportunidades, então eu fiquei pensando sobre o que eles tinham me falado.

E chegou o mês de viajar pra faculdade, fiquei chorando antes de chegar o dia de viajar. Quando chegou o dia de viajar entrei num pranto de choro, mas tive que ir, deixei minha filha, minha família, mais fui lá, com o objetivo de buscar conhecimentos pra trazer melhorias pra minha família no futuro e pra ajudar a minha comunidade. Mas lá na faculdade percebi que vale a pena a gente fazer todo esse esforço, pois realmente a gente consegue mesmo adquirir tanto conhecimento, tantas estratégias pra trazermos para nossas escolas indígenas. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por minha família, eu sempre tive o sonho de cursar uma faculdade,

e a UFMG me proporcionou essa oportunidade. Hoje posso dizer que o meu sonho se tornou realidade.

REGINALDO

Meu nome é Reginaldo da Silva Santos, nasci no dia 09/02/1999 em uma fazenda no município de Prado -BA. Sou filho de Alda da Silva Santos e Ednaldo Ferreira dos Santos. Sou da etnia pataxó, pertencço a família Ferreira e moro na aldeia Corumbauzinho há 21 anos. Tenho 7 irmãos e moro com meu pai. Vim para a aldeia com apenas um ano de vida. Antes de vir pra cá, morávamos em uma fazenda próxima a Cumuruxatiba com meus avós maternos. Não morávamos na aldeia porque era muito difícil trabalho e não iria ter como sustentar nossa família. Meu avô, pai do meu pai, morava na aldeia e começou a incentivar meu pai também pra vir aqui pra aldeia, até que meu pai resolveu vir.

Aqui ainda era muito difícil, não só trabalho, mais também na questão da educação, porque tinha uma escola na aldeia de educação infantil até o 5a ano, onde meu pai matriculou minhas duas irmãs mais velhas. Mas, como a gente morava um pouco longe da sede da aldeia, muitas vezes elas acabavam perdendo muitos dias de aula, pois onde nós moramos fica 7 quilômetros da sede da aldeia e tinha uma combis que vinha buscar os alunos pra estudar, mais muitas vezes chovia ou a combis quebrava, ou também faltava combustível. Então meu pai pensando em nosso futuro e no nosso desenvolvimento escolar resolveu mandar eu e minhas duas irmãs pra a cidade para estudar, então fomos morar com nossa tia, onde ficamos por 2 anos.

Nós ficamos muito tristes, com saudade de casa, as vezes ficávamos chorando pedindo pra voltar pra aldeia, porque nesses dois anos só meu pai que ia de vez em quando ver a gente e nos levar alguma coisa da aldeia, como frutas que ele plantava e algumas coisas que ele mesmo fazia. Na cidade também era muito difícil de se encontrar vagas nas escolas públicas, minha tia só encontrou uma vaga onde mim matriculou, e as minhas irmãs tiveram que estudar em escola particular. Então eu comecei a estudar na cidade, onde eu estudei o pré I e o pré II na época.

Em 2006 meu pai resolveu trazer eu e minhas duas irmãs de volta para a aldeia e nos matriculou em uma escola indígena numa aldeia bem próxima da nossa, ficamos nessa escola por dois anos. Quando eu cheguei nessa escola eu iria fazer a alfabetização, mais eu era bem maior que meus colegas e segundo os professores eu estava muito mais adiantado que os outros alunos, eles então resolveram mim passar para a primeira série. Quando saímos dessa escola meu pai

colocou minha irmã mais velha em uma escola do assentamento sem-terra, e eu e minha outra irmã fomos estudar aqui na aldeia mesmo, estudamos aqui um ano e meu pai resolveu mandar a gente pra escola do assentamento, onde já tava a minha outra irmã.

Meu pai também estudou nessa escola, era muito difícil pra ele, pois ele trabalhava o dia todo em fazendas e a noite tinha que ir pra escola estudar, mais mesmo assim, com muita luta aos 44 anos de idade meu pai conseguiu concluir o ensino médio. mesmo com as dificuldades de ir pra escola a pé ou muitas vezes de jegue, pois essa escola fica uns 15 quilômetros de onde agente mora, mais graças a nosso Tupã (Deus), com muita persistência ele conseguiu vencer essa batalha.

Assim que ele concluiu o ensino médio, um ano depois surgiu a oportunidade de trabalhar aqui na aldeia mesmo como professor. O meu pai com o apoio do cacique e da comunidade conseguiu uma vaga e começou a trabalhar com a turma do fundamental I, só que muitas vezes o salário dos professores atrasava e eles chegavam a ficar até 6 meses ou mais sem receber, mais mesmo assim meu pai continuou a dar aula. Em 2012, houve a separação dos meus pais, e a minha mãe foi embora deixando eu e meus sete irmãos com meu pai, pois pra onde ela foi não tinha escola, e a nossa educação foi uma coisa que meu pai sempre batalhou para conseguir ver todos nós um dia em uma faculdade. Em 2016, aos 17 anos eu consegui concluir o ensino médio.

CAPÍTULO 1. NASCIMENTO

Neste capítulo abordaremos o período que precede o nascimento de uma criança indígena na aldeia. Falaremos sobre as precauções, o parto, o resguardo e os remédios caseiros utilizados pelas parteiras durante o período da gravidez e pós-parto. No entanto, esse período é como se fosse o começo de uma nova fase, em que a criança vai, a partir daí começar a se adaptar ao mundo e às formas de viver em família dentro da comunidade, estabelecendo relações afetivas e aprendendo a viver em comunidade.

Geralmente a criança pataxó começa seu ciclo desde a gravidez de sua mãe, onde a mãe passa por determinados cuidados durante esse período, cabendo a ela ter mais responsabilidade e seguir algumas instruções que são passadas pelas parteiras e pelos mais velhos da aldeia. Para as mães de primeira viagem essas instruções que precisam ser valorizadas, pelo fato de nunca terem tido filhos, e quererem aprofundar nos conhecimentos tradicionais.

Nas aldeias que já possuem posto de saúde, médicos que atendem uma vez por mês, só que muitas mulheres pataxó preferem o acompanhamento das parteiras, e optam por ter o bebê em casa com as parteiras, por questão de confiança e até mesmo medo dos médicos nos hospitais. Muitas só vão ter nenê no hospital em caso de gravidez de risco, como, por exemplo, quando o bebê está sentado e não vira, e quando o parto tem que ser cesária. Quando a menina é nova e nunca teve filho, ela prefere ter o bebê em casa com a parteira, por que ela já conhece e recebe carinho e muita orientação para o nascimento do bebê. As parteiras sempre levam pro lado da conversa e acabam sempre acalmando as meninas, coisa que no hospital não acontece, e muitas vezes as mães são tratadas nos hospitais com discriminação, ignorância, e as vezes sem condições de ter a criança parto normal, e são forçadas a ter o bebê parto normal, o que pode levar a morte, e já aconteceu muito morte de bebês devido a isso e também o contrário de cesarianas desnecessárias.

Considerando o que foi dito sobre a importância das parteiras, e considerando também que para nós pataxós a infância começa mesmo antes da criança nascer, fizemos algumas entrevistas com parteiras da nossa comunidade. Os trechos mais importantes dessas conversas estão transcritos a seguir:

1ª Parteira: Maria Floripes (ou Maria Caboca)

Desde quando eu morava na cidade de Itamaraju que venho pegando menino, não tenho nem a conta mais de quantos menino eu já peguei, dos que eu já peguei, tem uns que já tem até neto. Em Itamaraju eu peguei 4 crianças e aqui na aldeia peguei um tanto, só que agora eu não pego mais não, por que quando o meu esposo era vivo ele fez um pedido, pra mim não pegar menino de ninguém mais não, ele disse: você não sabe direito das coisas, uma hora tem um enrascoco aí é você que vai sofrer, mas depois que ele morreu, eu ainda peguei uns dois.”

A minha mãe ela era parteira, eu aprendi com ela, aí ela ensinava se o menino enrascar pra fazer o remédio, mas graças a deus nunca enrascou não. Muita gente não tem coragem não, eu mesma tenho um tanto de irmãos e só eu mesma que já peguei bebê.

De primeiro uma mulher tinha menino, não sentia nada e hoje em dia é tanta coisa, quando a mulher vai ter menino, vai partir barriga, e antigamente ninguém via isso, agora que ta existindo isso aí. Eu mesma tive meus filhos tudo em casa, graças a Deus nunca teve enrascoco nenhum, eu tô dessa idade e não sinto nada. Minha mãe dava muitos remédios pra agente quando tava grávida e explicava também que quando a mulher ta de gravidez não pode dormir muito de dia, pra não engordar o menino, tudo ela ensinava agente.

Eu tive 12 filhos, tudo parto normal em casa, minha mãe que pegou, mas não ta tudo vivo não, morreram quatro, duas meninas e 2 meninos.

Quando vinham aqui me chamar pra pegar menino era só levantar da cama e ir, nunca teve dificuldade nos partos que eu fiz, a mulher sentia dor de manhã cedo, de tarde tinha o menino, e muitas vezes eu ia chegando e a mulher já ia tendo também. Minha mãe me ensinava que quando a criança tivesse travessado na barriga, que era só concertar o menino, sacudir o menino direitinho pra ir pro lugar certo. Tudo isso ela mim ensinou.

Mais agora eu não pego mais não, quem vim atrás de mim, nem vem...Por que eu não quero pegar filho de ninguém mais não, muitas vezes a gente pega os filhos das mulheres por aí e elas fazem da gente o que também né? Passam pela gente e vira a cara. Aqui dentro mesmo tem delas, passa aí na estrada e nem pra cá olha, e assim a gente não vai querer pegar mais. Antigamente quando a gente pegava os filhos das mulheres, elas chamavam agente de comadre.

O primeiro menino mesmo, quando eu fui pegar, eu tava novinha ainda e só tinha uma menina de filha. Aí eu fui ficar mais uma prima minha, que estava com dor, e o marido dela tinha ido buscar uma parteira pra bem longe, aí ela pediu para eu ir acudir ela. E eu fui, aí peguei a menina dela com medo assim mesmo, por que eu nunca tinha pegado, dessa vez pra cá eu fiquei pegando menino.

Quando eu tava grávida eu trabalhava até o último dia de ter menino, eu torrava farinha, arrancava mandioca e fazia tudo dentro de casa, e não atrapalhava em nada, minha mãe sempre mim falava: oh minha filha quanto mais a mulher trabalha quando ta grávida, melhor pra ela, por que quando for ter criança não dar trabalho nenhum.

Depois que tem o menino não pode fazer coisa pesada, a gente só pode levantar da cama com três dias, mas hoje eu vejo a mulher ter filho e amanhã já ta em pé. De primeiro não podia comer certos tipos de comida, galinha da roça mesmo não comia, o sal era separado, farinha era separada, por causa de menino não meter a mão. Quando a gente tinha menino, minha mãe pisava folha de mastruz, arruda, de hortelã miúdo com óleo de amêndoa, passava na barriga e atracava com um pano, hoje não tem isso mais não, diz ela que isso era pra juntar a dona do corpo, por que quando a mulher tem menino, ela fica andando procurando o menino na barriga da mulher, aí fica uma dor na barriga. Aí minha mãe apertava a barriga da gente, aí quando as mulheres teve menino aqui, que eu fui fazer isso, elas não quis fazer, disseram que as folhas eram fedorentas na barriga delas. Aí eu sempre dizia: ah então vocês vão ficar assim mesmo né? Por causa disso que elas ficam barrigudas depois do parto. Minha mãe dizia que a mulher que tem filho e não aperta a barriga, elas cresce a bariga, e é mesmo, olha aí, quem diz que eu tive esse tanto de filho. Minha mãe também mim ensinava que mulher quando ganha menino ela não pode soprar fogo e não pode fazer nada de peso, por que se não fica com defeito, a mulher.

2ª Parteira: Devaneide Santana

Eu já fiz 15 partos só aqui na minha aldeia, aprendi comigo mesmo, nunca tinha visto ninguém fazendo parto.

As mulheres que eu peguei os meninos, eu vi elas de barriga, mais eu nem pensava de pegar os filhos delas, no momento, por que na época já tinha carros da saúde, e eu pensava delas sentir dor e ir pra cidade, mas só que não e chegou o momento de eu socorrer elas.

Eu não sou parteira, no momento só estava ajudando elas. As primeiras crianças que eu peguei não teve pre natal não, graças a deus, os meninos que eu peguei nunca foi uma gravidez de risco, sempre foi uma gravidez saudável, só teve uma que deu um pouquinho de trabalho, mais o restante não, eu peguei tudo, cortei o umbigo, dei banho, enrolei, coloquei na cama e deu tudo certo.

No momento eu não esperava a hora da chamada das mulheres, por que elas sentiam dor pra ganhar nenê e eu não esperava que iam mim chamar pra pegar o filho delas. A única coisa que eu fazia era pedir primeiramente a Deus pra mim dar força e experiência pra enfrentar aquele momento, pois quando a gente chega pra pegar uma criança que o parto da mulher tá demorando muito, ou não tá indo tudo certo, a gente pega folha de mato, prepara os banhos bem quente e dar nas mulheres das escadeira (cintura) para baixo, pra dor aumentar, que aqui na roça, já sabe, não é igual no hospital. No hospital tem o remédio que eles dão para a mulher. Esses matos que eu usava para fazer os banhos são: folha de banana da terra, folha de mastruz, mentraste.

No meu conhecimento, que os mais velhos falavam antigamente é que quando a mulher tá grávida , não pode abaixar muito, pegar muito peso, não pode sentar em pilão, por que se não a placenta pega e fica pegado , ruim de despachar , não pode deixar cachorro passar por detrás das costas dela, que isso tudo faz mal , e sempre a gravidez que a gente tinha de primeiro era desse jeito, a gente não tinha ajuda de medico nenhum, nem de enfermeira, eu mesma tive meus filhos a maior parte sozinha e Deus, em casa, eu tinha eles , enrolava num pano, só não cortava o umbigo, pois eu ficava com receio, mas se não fosse isso eu não ocupava ninguém .

No resguardo, depois que a mulher ganha a criança, ela fica muito sensível, não pode pegar peso, não pode abaixar, não pode ver barulho, por que o juízo da mulher tá aberto e o pessoal mais velho fala, que o juízo da mulher ta fraco, então por isso tem que ter repouso até os 40 dias, pra poder a mulher se recuperar, pra daí poder voltar o que era antes. Além disso, durante o resguardo a mulher não pode comer comidas remosas, como por exemplo, peixes de couro, mariscos, caças do mato, entre outros. As comidas que a mulher pode comer é carne de boi, carne de leitoa preta, que não pode ser porca, e galinha.

Depois que a mulher ganha nenê, tem que tomar banho de casca de aroeira, banho de mastruz, banho de folha de caju, água inglesa ou agua venessa pra ajudar à limpar por dentro e até mesmo a desinflamar o útero da mulher.

Antigamente quando as mulheres ganhava nenê, com três dias tinha uma temperada que as parteiras preparava, e ficava três dias

essa temperada pronta, aí depois desses 3 dias a parteira dava uma dose para a mulher que teve a criança, pra ela curtir a barriga por dentro. Essa temperada era feita com um pouco de cachaça, com alho dentro, cebola branca, pimenta cominho, folha de artimijo, folha de arruda.

Hoje as mulheres ganham nenê hoje e amanhã já tão pra cima e pra baixo, e isso é que prejudica a mulher, por que quando as mulheres completam 30 anos não é mais nada, por causa dessas coisas assim, não guardam o resguardo certo, tem mulher que com 8 dias já tá a vontade, mais não pode, por que prejudica e estraga a saúde da mulher. E daí começa a surgir ao problemas, uma dor de cabeça, uma hemorragia, inflamação no útero. Eu já tô dessa idade, mais eu não sei o que é isso.

Já peguei muito menino, mais hoje não sei se eu teria essa coragem, pois de um tempo pra cá, eu não fiquei mais como eu era antes, depois que fiquei tomando remédio controlado, muitas coisas eu mim esqueci, tem coisas que eu não lembro mais, pra mim pegar alguma criança ainda, só se for o caso mesmo de muita precisão, aí eu posso até dar uma força.

3ª parteira: Cristiana (Agente de saúde da aldeia)

Já fiz dois partos, por que na verdade no meu primeiro parto que foi meu filho, eu estava em casa sozinha, tava num momento chuvoso, que era época de são joao, aí eu não quis ir pro hospital, eu falei: eu vou ganhar esse menino dentro de casa e é hoje, e seja o que Deus quiser. De repente veio as contrações, e eu forrei um lençol na cama pra não sujar, e quando a dor veio bem forte, foi a hora que eu peguei meu filho, peguei ele, sozinha e Deus naquela hora, cortei o umbigo, dei banho e ajeitei ele.

Quando a criança nasce, que a parteira vai cortar o umbigo, deve medir dois dedos um pouquinho afastado do umbigo, amarrar uma cordinha no começo e outra no fim da invide, e por último esquentar uma colher e queimar o umbigo pro ar não entrar.

Eu nunca tinha visto ninguém fazendo parto, eu só ouvia comentários, minha avó era parteira, e ela sempre comentava sobre como fazer um parto, como cortar o umbigo, e eu escutava ela falando e fui aprendendo, até que coloquei em pratica e peguei meus dois filhos.

Para mim é sempre aconselhável fazer o pre natal com as enfermeiras, por que a parteira só vai está ali no momento que a mulher estiver com dor pra ganhar nenê, e fazendo o pre natal com as enfermeiras não, por que elas vão está sempre

acompanhando as mulheres, pra saber com quantos meses que ta , e a data prevista pra ter o bebe.

Quando a mulher tá grávida não é todo tipo de alimento que deve comer, pois não pode comer comida muito pesada, e nem dormir demais, por que a criança pode engordar e pode ter preguiça ao nascer. Quando fui fazer meu primeiro parto o meu preparativo foi confiar em Deus primeiramente, e quando a mulher tá sentindo muita dor e ta demorando pra ter o bebê, aí é só fazer o banho de folha de manga espada, folha de cana, e dar o banho quente com essas ervas medicinais, sabonete virgem. Esse banho é para as dores aumentar e a mulher ter logo o bebê.

Durante a gravidez as mulheres devem ter total repouso, não andar de moto, não andar de bicicleta, não muntar à cavalo, evitar abaixar demais, pegar muito peso por que uma gestação é uma coisa sensível, e pode perder ela a qualquer momento, desde que se não cumprir o resguardo da gravidez. Todos esses cuidados devem ser seguidos, para não prejudicar a mulher, também a mulher não pode fazer muito esforço, pois ali dentro dela, carrega um ser, e esse ser pra nós é uma coisa inacreditável, o dom que Deus deu a mulher de ser mãe, de ter uma criança gerando dentro da gente.

Na parte do resguardo, digo que o resguardo é uma coisa muito delicada, tem que seguir todas as regras, pois a mulher não pode passar raiva, se não pode sofrer as consequências, pode ter o resguardo quebrado (distúrbio mental), ou pode ter uma depressão

O resguardo nada mais é que a mulher que teve criança, ter tranquilidade, não comer coisas carregadas, não pode chupar manga, nem comer jaca, por que são frutas carregadas, não comer galinha penugada, nem comer galo, nem galo cantando e nem galinha choca. Só pode comer galinha de granja, galinha que é normalmente criada em casa.

O período do resguardo, normalmente os mais velhos recomendam 40 dias certinho, é quarenta dias sem poder pegar em vassoura pra varrer casa, sem poder fazer agaixamento, tem que está ali sossegada, sem barulhos.

Cuidados e resguardos depois do nascimento

A partir das conversas com as parteiras, e da nossa própria experiência, aprendemos o seguinte: após o nascimento da criança, a mãe e o bebê passam por determinados cuidados tanto na alimentação, quanto no próprio corpo. Quando o parto é normal a mulher tem 1 mês de resguardo, e passa a tomar banhos de mastruz, caju, para desinflamar por dentro, na

alimentação só pode comer galinha caipira e peixe de escama ou caranguejo se estiver as pernas iguais. Durante esse período de 1 mês a mulher não pode fazer nada dos afazeres de casa, e nem lavar o cabelo. Se o parto for cesário o cuidado é dobrado, com o resguardo mais longo de 3 meses.

Depois que nasce a criança, durante os 7 primeiros dias de vida, não pode sair com ela pro lado de fora, no vento, deve permanecer dentro do quarto, pois segundo os mais velhos a criança está muito novinha e pode pegar mal olhado e pegar vento, o que pode fazer mal para a criança. Também não pode dar banho na criança na mesma água de outras crianças, como irmãos mais velhos, pois isso toma o crescimento da criança, ou seja, ao invés da criança recém-nascida crescer e se desenvolver, o irmão ou a irmã mais velha, que tomou banho na água primeiro é que tende a crescer e se desenvolver mais rápido.

A criança recém-nascida, durante os primeiros meses de vida, só pode tomar um banho durante o dia. Também só pode sair para o lado de fora depois que a invide (umbigo) cai. As roupas da criança nunca podem ser torcidas, pois se torcer as roupas, pode dar “espremedeira”, que é como os não indígenas chama de cólicas.

A escolha do nome da criança

Muitos pais resolvem escolher o nome da criança durante a gravidez, mas é opcional. Outros só escolhem o nome depois que a criança nasce, porque, segundo Dona Leide, da aldeia Corumbauzinho, “nunca se pode escolher o nome da criança antes dela nascer, pois pode nascer com algum problema ou até mesmo falecer durante o parto”. Por isso ela recomenda que o nome da criança seja escolhido depois do nascimento.

Antigamente não podia registrar a criança com nome indígena, então os pais tinham que escolher o nome da criança em português para registrar em cartório. Muitos que tinham vontade de colocar nome indígena em seus filhos tiravam 2 registros da criança, um registro da FUNAI, que era o que constava o nome indígena, e outro registro no cartório, que era o nome da criança em português. Só que o registro da FUNAI só servia na própria aldeia, em outros lugares não tinha validade, em hospitais, na cidade, pra fazer o salário maternidade, etc. Com o tempo a coisas foram mudando e os nomes indígenas passaram a ser reconhecidos, e autorizados para

serem registrados em cartório, e hoje muitos pais se orgulham em colocar nomes indígenas em seus filhos, nomes que escolhem na cartilha de patxohã.

Alguns nomes em português mais usados nas crianças pataxó: João, Pedro, Maria, Joana, Rute, Marcos, Mateus, Vinicius, Carlos, Lucas, José, entre outros. Alguns nomes em patxohã mais usados nas crianças pataxó: Tãnara (natureza), Txahá (flor), Kãdara (cacau), Dawê (adeus) Hayô (sol) Simirã (formiga), ãdxuara (rosa), entre outros.

Sobre o Batismo

Após a escolha do nome da criança, vem o momento do batismo. Para os pataxó que são católicos o batismo deve ser feito o mais rápido possível, por que eles dizem que se a criança nascer e não for logo batizada “a criança é pagã”, e quando é época de trovoada ou relâmpago, falam logo que quem é pagão não pode nem ficar sem roupa, e nem ficar na porta da casa, pois dizem que o relâmpago pode passar na criança. Então eles recomendam que a criança deve ser logo batizada. E para batizar, os pais escolhem o padrinho e a madrinha na qual tem mais afinidade e desejam que sejam os padrinhos de seus filhos. Os padrinhos passam por todo processo de ensinamento na igreja católica e se preparam para batizar a criança. A partir do momento em que batizam a criança, aquela criança batizada já não é mais pagã, e os padrinhos passam a ser chamados pelos pais de compadres, e de vez em quando tem a obrigação de presentear os afilhados. E os afilhados têm por obrigação de pedir a benção aos padrinhos.

Já para os pais pataxó que são evangélicos, eles acham que a criança só deve ser batizada quando forem maiores de 8 anos e já entenderem o significado do batismo. Para eles a criança quando for batizada deve ser batizada nas águas do rio, lago ou tanque e não ser batizada igual na igreja católica que joga água na cabeça do bebê. Segundo eles a criança sendo batizada nas águas, os seus pecados serão levados pela correnteza do rio, e se torna uma nova pessoa.

Futuramente ainda vamos pesquisar sobre como era o batismo tradicional da cultura Pataxó.

CAPÍTULO 2. INFÂNCIA

Pelo que venho observando a infância das crianças pataxó é diferente das crianças da cidade, pois as crianças da aldeia vivem mais soltas ou mais à vontade por serem todas conhecidas. A alimentação é mais saudável, os pais sempre têm mandioca, batata e outros produtos da agricultura que é usado para alimentação, a farinha de tapioca, o beiju, o inhame e etc.

Na aldeia a vida é mais tranquila, na cidade tem muito movimento de carros, pessoas. Mas na aldeia os pais também precisam estar sempre atentos com os filhos, por causa de brigas entre eles, ou para eles não irem para alguns lugares sozinhos, como por exemplo os rios, por causa de brincadeiras com fogos, entre outros objetos que podem prejudicar a criança.

Quando falamos em infância das crianças pataxó, estamos tratando de uma fase em que está apenas iniciando a trajetória de vida dessas crianças. Fase essa, que ao longo do tempo vai se modificando e essas crianças vão se mudando o comportamento e a forma de pensarem as coisas. As crianças pataxó têm sempre o costume de acordarem bem cedo (5 ou 6 horas da manhã), a princípio tomam café e vão para a escola. As aulas sempre iniciam as 7 da manhã e na escola estão todas as crianças a iniciarem as aulas cantando e dançando o Awê. Em seguida vão cada um para a sala estudar.

Com base nas nossas observações das crianças de Corumbauzinho, em conversas e entrevistas que fizemos com pessoas da comunidade, e em nossa própria vivência, vamos agora detalhar um pouco mais a infância da criança Pataxó.

A criança na convivência familiar

As crianças vivem com os pais e os irmãos, na maioria das vezes cada família com 4, 5 ou mais irmãos. As crianças pataxó tem grande participação na família, muitos ajudam os pais nos afazeres de casa, outros querem aprender a pescar, acompanhar sempre os pais no rio, na mata, na farinheira, ou na roça. E é a partir daí que começa desde muito cedo a aprendizagem, porque se a criança ver os pais na roça plantando mandioca, a tendência é ele aprender a fazer a mesma coisa, ou seja, é transmitido esse saber de pai para filho, é vendo que se aprende.

O povo pataxó define esse conceito de infância como uma das primeiras fases de nossas vidas, que começa antes mesmo do nascimento da criança. Há uma diferença entre os meninos e as meninas pataxó, no sentido que as meninas se desenvolvem mais rápido que os meninos (tanto no corpo quanto na mente). A infância das meninas dura muito pouco, em relação aos meninos. A partir do momento que a menina tem sua primeira menstruação, segundo as mães, elas deixam de ser crianças e passam a ser “moças”. Depois desse momento a infância delas já está se encerrando, e nesse momento deixam de brincar.

Já os meninos têm uma infância mais duradoura que vai do nascimento até os 14 ou 15 anos. Mesmo que começam os “namoricos” um pouco cedo, eles continuam gostando de brincar, e ainda se sentem crianças, tanto no físico quanto no psicológico. A partir dos 16 anos eles já começam a pensar como os adultos, ou seja, começam a pensar em formar uma família e já estão com a mente formada, já sabem o que é bom e o que é ruim, entendendo mais como é a vida e o mundo que vivemos.

Descrição da rotina de uma criança homem

A rotina de uma criança homem inicia desde quando o menino começa a entender a vivência de sua família, pois ele já cresce observando o pai nas atividades do dia-a-dia na aldeia. Dessa forma, o menino tem o papel fundamental de ajudar o pai nos afazeres. É importante observarmos que o menino entre 9 ou 10 anos já começa a se desenvolver na aprendizagem com seus pais, é observando que ele aprende. Ressaltamos ainda que a criança homem, ela tem o costume de acompanhar o pai na mata, de aprender a fazer artesanatos de madeira, ir para a roça com os pais, carregar lenha para a mãe preparar a comida. Na medida em que vão crescendo o pai vai ensinando a fazer armadilhas, plantar, pescar, caçar, dentre outras formas de sobrevivência. Esses hábitos são transmitidos de geração para geração.

Na aldeia, o menino acorda bem cedo, toma café, vai à escola, e quando retorna da escola ajuda seus pais nas tarefas do dia a dia. Geralmente nos finais de semana que não tem aula, quando não vão pra mata com seus pais, juntam os parentes, amigos, ou vizinhos e vão para o rio, lá eles brincam, pescam e fazem algumas armadilhas como: o mundéu, o laço (de forca ou de pé), quebra, arapuca, fazem surú pra colocar no rio, etc. No dia seguinte eles vão olhar as armadilhas, onde são capturados algumas caças de pequeno porte como: tatu, paca, saruê, rato puba, perdiz, nambú e trazem peixes pegos no surú ou pescados (traíra, marobá, beré, piaba).

Rotina de uma criança mulher

A rotina de uma criança mulher é um pouco diferente dos meninos, pois as meninas acompanham mais as mães nas atividades domésticas como lavar roupas, lavar prato, arrumar a casa, limpar o quintal, fazer comida, e ajudam na fabricação de artesanatos. Elas vão para a farinha ajudar as mães a peneirar massa, tirar goma, fazer beiju, etc. Desde muito cedo, a menina aprende sobre a vivência tradicional da mulher indígena.

A menina acorda bem cedo, toma café, vai à escola, quando volta da escola vai ajudar a mãe nos afazeres domésticos. É muito comum nos finais de semana elas reunirem com outras mulheres, amigas, primas e irem para o rio lavar roupa, prato e conversar sem a presença de homens. Elas também sempre tiram um tempinho para brincar de casinha, de boneca, de roda.

Observação: Há também famílias na aldeia onde só tem crianças homens na casa, neste caso, como não tem meninas, os meninos são responsáveis para ajudar a mãe nos afazeres domésticos: limpar o fogão, limpar banheiro, colocar um arroz no fogo, estender roupa, pegar roupa do varal, e ainda ajudar o pai.

Atualmente os meninos da aldeia entre 12 e 14 anos trabalham confeccionando artesanatos de madeira (colheres, cocho e caiaque) e ganham o seu próprio dinheiro com a vendagem desses artesanatos. Com esse dinheiro que ganham eles ajudam os pais a comprar alimentos para dentro de casa.

Como disse a mãe de uma das crianças, *“melhor ocupar a mente das crianças com os afazeres de casa, capina, fazendo artesanatos, do que deixar a mente deles vazia, pra se ocupar com coisas que não são adequadas para uma criança, como por exemplo, tem muitas crianças perdidas no mundo das drogas, que a mãe não olha, por que fica o dia todo fora de casa”*.

A rotina da criança indígena

As crianças indígenas já nascem com esse dom de brincar. A partir de 1 ano de idade, quando começam a andar e a ver outras crianças brincando, já vão adquirindo esse conhecimento, aprendem de maneira muito rápida. Elas têm essa facilidade de observar e aprender observando

outras crianças. Tem um ditado dos mais velhos que diz que “criança é igual papagaio, tudo o que vê aprende”.

Na nossa aldeia, algumas brincadeiras são brincadas por meninos e meninas juntos, como, por exemplo, pega-pega, casinha, cantigas de roda e brincadeiras na escola. Muitas vezes há uma separação por idade, crianças maiores brincam com as maiores, pois algumas vezes elas brincam alguma brincadeira que a criança menor não consegue acompanhar, ou até mesmo por medo de machucarem uma criança pequena. Mai também tem brincadeiras mais leves, que elas brincam todas juntas, tudo vai depender da brincadeira que tiverem brincando.

É muito comum haver também uma divisão das crianças por grupos, sendo eles de parentesco ou vizinhança. Como na aldeia quase todas as crianças são parentes, na maioria das vezes os grupos de brincadeiras são feitos por parentesco, e algumas vezes a minoria de crianças que não são parentes, se juntam e brincam em algum grupo (isso acontece mais na escola).

Armadilhas como brincadeira e diversão para as crianças da aldeia

Há diversos tipos de brincadeiras praticadas pelas crianças de nossa aldeia, dentre elas podemos citar algumas bem criativas e que servem como modo de sobrevivência na aldeia. Além de serem consideradas para o povo pataxó como armadilhas, para as nossas crianças elas são vistas como um modo de se divertir, podendo pegar o seu próprio alimento. Abaixo segue uma lista das brincadeiras, com suas descrições. Todas as fotografias são de autoria de Samara.

Armadilhas e caça

- **Surú**

Feito de palha de dendê ou do tronco do bambu, é uma armadilha muito utilizada pra pegar peixe no rio mais também é utilizado pra pegar tatu no buraco.

- **Mundéu**

É uma armadilha feita de tronco de árvores e varas e é posto na trilha de caças para pegá-las

- **Quebra**

Feito de varas para pegar pássaros (quebrando-lhe o pescoço, por isso o nome ‘quebra’.

- **Laço**

Feito com uma vara e um laço pode ser de corda ou cipó, para pegar pássaros e até mesmo caças.

- **Bodoque**

O bodoque é feito com um gancho borracha ou algo que estica e um pedaço de couro, ele é muito utilizado pelos meninos da aldeia na caçada de passarinhos.

Brincadeiras

- **Pega-pega**

É feito um grupo de três ou mais crianças, onde um é escolhido pra ser o pega e vai ter que pegar as outras crianças e a criança q for pega será o pega e assim sucessivamente. As crianças aqui da aldeia gostam mais de brincar no rio, mais o pega-pega também é brincado fora da água.

- **Casinha**

A casinha é feito um grupo de pessoas, tem que ter meninos e meninas, onde eles vão fazer de conta que são uma família, um vai ser o pai uma menina a mãe e o restante os filhos, caso tenha muitas pessoas pode se montar duas famílias, onde eles vão fazer de conta q são adultos e fazer as coisas de casa mesmo.

- **Cantiga de roda**

É feito um grupo de 6 ou mais pessoas, faz uma roda e uma pessoa é escolhida pra iniciar a cantiga. Depois que a pessoa inicia a cantiga as outras acompanham cantando e rodando.

- **Carrinho de madeira**

O carrinho de madeira é feito de madeira com rodas de chinelo e é brincado entre três ou mais crianças.

- **Cavalo de Pau**

Feito de cabo de vassoura ou de alguma vara reta, e amarra uma sacola na ponta da vara pra dizer que é a cabeça do cavalo, onde os meninos montam em cima e fazem de conta que é um cavalo. Muitos ainda amarram até uma corda pra puxar o cavalo.

A criança indígena e a escola

A educação das crianças indígenas pataxó é voltada sempre para a cultura pataxó. Muitos professores procuram ensinar aos alunos de forma mais lúdica, que envolva sempre a nossa cultura, ensinar os alunos cantando, dançando, escrevendo ou desenhando. Na aldeia as crianças têm essa liberdade de na escola poderem ter aulas diferenciadas, por exemplo: aula para aprender a jogar arco e flecha, zarabatana, etc.

Tendo em vista que hoje a escola é um espaço tão importante para a criança Pataxó, vamos falar um pouco mais da escola da nossa comunidade.

A história da educação escolar indígena para nossa comunidade iniciou em 1991, através de reivindicação feita pelo morador mais antigo da aldeia, sr. Mário Braz e também dos fundadores da comunidade. Ele, junto com seu filho Dernival, foi até o município do Prado, para reivindicar da prefeitura uma escola, para que tivesse uma escola em que seus filhos pudessem estudar. O prefeito daquela época não cedeu para a comunidade indígena do Corumbauzinho uma escola construída, mas apenas uma sala de aula. Essa sala de aula funcionava na casa do sr. Mário Braz, e quem dava aula era uma professora chamada Greth. O ensino era multisseriado, funcionava da educação infantil até a 4ª série.

Em 1993 foi construída dentro da aldeia uma igreja de São Braz, por uma freira chamada Verônica. A freira Verônica pediu para que essa igreja funcionasse como sala de aula, e aí começou a funcionar a sala de aula durante o dia. Era uma sala mista, onde o mesmo professor, chamado Adeilton, lecionava de dia, e também de noite, para os adultos da comunidade.

Em 2004, a prefeitura deixou de ser responsável pela manutenção da escola indígena de Corumbauzinho. A escola indígena chamava Escola Municipal Pedro Alvares Cabral. Quando a escola deixou de ser municipal, ela deixou de ser escola Pedro Alvares Cabral e passou a ser

uma escola mantida pelo Estado, ou seja, toda educação da escola indígena do nosso município de Prado passou a ser responsabilidade do Estado da Bahia.

Em 2005, um ano depois, a escola de Corumbauzinho teve como anexo a escola Kitxetxawê Zabelê. Em 2006, a Zabelê já deixou de ser anexo e começou a ser autônoma. A escola de Corumbauzinho teve outros anexos como a escola do Tawá, a escola da aldeia Craveiro e a escola da Aldeia Nova, e todas essas escolas eram mantidas pelo Estado. Com isso, a escola de Corumbauzinho teve muitas dificuldades, pois não tinha material didático, como até hoje, não tem material didático voltado para a nossa realidade.

Em 2007, mesmo com toda essa demanda, a comunidade juntou e construiu mais duas salas de aula com recurso próprio. Inicialmente, começou com recursos da própria comunidade, depois vieram os missionários evangélicos e ajudaram também a construir a escola. Em 2010, houve uma necessidade maior, pois os alunos, de 5ª a 8ª série até o ensino médio, estudavam em outras comunidades não indígenas e, muitas vezes, sofriam muito preconceito. Daí veio uma reivindicação do ensino fundamental II (de 5ª a 8ª série) dentro da comunidade, mas isso não foi tão fácil de iniciar, teve uma resistência do Estado. O Estado não cedeu para a comunidade, não autorizou para que funcionasse o ensino fundamental II, mas, como os povos indígenas são guerreiros que lutam por direito, a escola iniciou com o ensino fundamental II, mesmo sem autorização do Estado. Com isso, alguns professores trabalharam voluntariamente durante quatro meses.

Até que, em meados de junho de 2010, o Estado mandou uma equipe técnica vir até a aldeia fazer um relatório com os professores. Essa equipe ouviu as demandas dos professores, discutiu as necessidades de fazer funcionar o fundamental II na comunidade, ouviram os pais, as lideranças e os alunos, que relataram que sofriam preconceito em uma escola que não era indígena. Depois de ouvir as demandas, o Estado finalmente reconheceu que a comunidade continuasse com o ensino fundamental II.

Em 2014, sobre a direção de Pedro Braz, que era o gestor da escola do Corumbauzinho, reivindicamos o ensino médio. Não houve muita resistência do Estado, que autorizou o ensino médio, graças a Deus, e então, a partir de 2014, a escola deixou de ser escola e passou a ser Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, onde funciona a educação Infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e a EJA.

Para entender melhor a rotina da criança dentro da nossa escola, fizemos uma entrevista com a professora da educação infantil em Corumbauzilinho, focando na questão da rotina da criança. Selecionamos alguns trechos, que vamos apresentar a seguir.

Entrevista com a professora da Educação Infantil

Qual a diferença da educação diferenciada para a criança?

A educação diferenciada a gente sabe que ela está voltada primeiramente para a educação escolar indígena. Por que diferenciada? Por que ela trabalha a língua materna, além do português, o que é uma revitalização para nós indígenas. Ela trabalha também a cultura do seu povo, de cada povo que está situado na escola indígena. Para a criança, essa escola diferenciada é um aconchego, um lugar de aconchego, porque a criança indígena tem toda aquela liberdade, toda aquela norma de ser livre, e sabemos que as escolas muitas vezes tiram essa liberdade da criança, principalmente as escolas não indígenas.

Quando uma criança de quatro anos de idade estuda numa escola não indígena ela fica mais presa em mesas, sentadas em cadeiras, e não tem aquela liberdade. Porque criança é ativa, tem energias demais, e se ela vai pra escola e se sente presa, ela não irá se sentir aconchegada naquele lugar, dentro daquele ambiente escolar.

A escola diferenciada é realmente isso, é um lugar de aconchego, onde a criança tem total liberdade de se expressar, tem a liberdade de brincar e de ser livre. Mas, quando se diz liberdade, quando refiro ao brincar, não quero dizer que só brincar e não fazer nada dentro da sala de aula, é muito pelo contrário. Elas sabem que tem o horário de brincar, e sabem que tem o horário de desenvolver as atividades do conhecimento científico, com seus textos, números, identificar objetos...e elas sabem que tem o momento de cantar, de recontar os casos que elas trazem de casa, trazem muitos fatos reais.

Então assim é a escola diferenciada para a educação infantil, ela tem essa visão que é uma aceitação dela, a escola aceita ela do jeito que ela é e começa a lapidar a criança, começa a transformar ela, não descartando seus conhecimentos. O que a escola faz? Os conhecimentos bons permanecem, o conhecimento que não é bom, a escola trabalha junto com o

que estiver errado, para que a criança possa distinguir o que é bom, e o que não é... e, quando se trata, assim, de criança da educação infantil, as vezes acontece de a criança ser filho único, e vem de casa com aquela visão que só ela é o centro de tudo e que não existe mais ninguém, que os pais só estão voltados pra elas.

Quando chega na educação infantil, ela também acha que a escola tem que dar assistência só pra ela, e, de repente, essa criança se depara com essa situação, quando ela depara com essa barreira, realmente essa criança toma um choque, aí é o momento em que os professores deixam de ser professor, e passam a ser como pai, pai professor, avô professor, irmão professor, tio professor....a partir desse momento a escola começa a trabalhar que, além dela, em volta dela existem outras crianças, que tem energias diferentes da dela, que tem hábitos diferentes do dela, e que ela tem que aceitar e aprender a conviver, a dividir aquele espaço, ou um objeto com outras crianças. Então, a criança me vê, ou eu me identifico como uma criança, para ver se assim ela consegue identificar outro ser, que aquele espaço é dividido com ela e mais outras crianças também, juntamente a ela. Então, quando a criança começa a ter essa visão, de que ela não é o centro, mas que todas as outras crianças que é o centro daquela sala de aula da educação infantil, ela acaba aceitando e construindo uma criança só, uma comunidade só. Então, assim, não sou eu, mas somos nós, nós formamos um único pacote, porém um pacote com uma diversidade muito grande.

A criança acaba apaixonando pelo professor, apaixonando pelos coleguinhas de turma, que a educação indígena é isso, não existe aquela diferença de coleguinhas, a criança tem que aprender a conviver e aceitar o outro coleguinha do jeito que ele é, e aí elas passam a ter uma convivência ampla, o que vem por dentro desse contexto, é trabalhado na sala de aula, a língua materna, é trabalhado as tradições e os cantos do povo, e isso fortalece mais o ambiente escolar pra aquela criança, dessa forma a criança se sente uma criança indígena livre, crítica pensante, por que a criança da educação infantil são crianças que tem visão do mundo, são crianças críticas de determinar o que está certo e o que está errado, não é aquela criança que aceita o que ver, ela começa a questionar desde criança, o fato dessa liberdade de expressão, quando ela está dentro do contexto, ela sabe o espaço dela falar, e sabe o espaço dela ouvir, tem que prestar atenção no que o coleguinha faz e o que o professor faz, esse é o trabalho de uma educação escolar indígena diferenciada, então quando a criança sai da escola, ela leva aquele conhecimento que ela obteve na escola.

Quando a criança retorna para a escola no outro dia, ela traz novos conhecimentos, também é trabalhado todos esses aspectos. Então a criança vê que a escola diferenciada para ela é um lugar de aconchego, para muitas crianças a escola é o primeiro lar, por que dentro da escola elas são ouvidas, por muitas vezes pela rotina dos pais, elas não conseguem ser ouvidas, e dentro desse ambiente escolar elas conseguem e fazem da escola um ambiente prazeroso para elas, eu como professora, vejo no olhar de cada criança a vontade de estar estudando, a vontade de estar na escola, e nessa pandemia as crianças ficam assim querendo ir pra escola. Mas por que querem ir pra escola? Por que elas na escola se sentem acolhidas, se sentem protegidas, se sentem amadas pelos professores, pelos seus coleguinhas, por toda a equipe escolar. **(professora Lusangela)**

Como é a rotina escolar da Educação Infantil?

A turma da educação infantil funciona de segunda a sexta-feira no turno matutino no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho das 7:00 da Manhã às 11:00. A escola tem o hábito e a rotina de quando chega todos os alunos da educação infantil até o 5º ano, e professores fazem um awê antes de ir pra sala de aula. Esse awê que é feito com as crianças das séries iniciais já é para trabalhar a identidade cultural do nosso povo, aí onde participa a educação infantil, fazemos a oração indígena, depois cantamos três ou quatro músicas indígenas, e depois cada professor retorna pra sua sala de aula. Na minha sala, com a minha turma de educação infantil, sempre costumo fazer uma dinâmica desenvolvida através de brincadeiras, e depois dessa dinâmica, mais ou menos 20 minutos de dinâmica, aí a gente vai iniciar o trabalho com a escrita da criança.

Como temos um suporte muito pouco de material para imprimir ou para xerocar, então uma das rotinas é passar a atividade no caderno da criança, e quando o professor está passando atividade no caderno da criança, elas já começam a desenvolver brincadeiras na sala de aula, pois elas têm essa liberdade de ficar brincando. Quando terminam essa rotina de brincar, que vai até umas 8 horas da manhã, a partir daí já começam a desenvolver o trabalho da escrita, da escrita das letras, dos números, a gente trabalha com objetos pra identificar determinados objetos, depois dessa rotina vem o momento da recreação, que é o momento da merenda, que é praticamente um horário todo para merendar e brincar. E as crianças da educação infantil

alimentam bem devagarinho, que eles não são aquelas crianças que comem rápido.

Depois desse intervalo agente retorna para a sala de aula , e fazemos sempre o momento do descanso , pra repor as energias , daí começa tudo novamente , nesse período depois do intervalo agente vai trabalhar a leitura das crianças , leitura dos números , dos nomes dos coleguinhas , das letras , e depois dessa rotina agente vai pro conto e reconto , o que o professor inicia contando uma história e depois as crianças começam a contar as histórias que eles ouvem dos pais, avós ou histórias do cotidiano, tem alunos que são ótimos pra inventar histórias, criar que o pai foi na mata, que caçou, e aí vai toda essa dinâmica ,todas as crianças participam, um de cada vez, contando a sua história, os que já contaram fica apenas ouvindo os coleguinhas contar, muitas vezes um fica recontando a mesma história do colega, só que de uma forma totalmente diferente, isso é riquíssimo. Depois dessa rotina tem uns 10 minutos de descanso, por que é um trabalho longo, e daí cantamos a música pra saída e vamos embora para nossas casas. No outro dia seguimos a mesma rotina.

Haveria muito ainda a falar sobre a infância indígena não só em Corumbauzinho, mas em todo o Brasil. No entanto, por limitações de tempo e também de escala, vamos ficar por aqui. Procuramos, com esse trabalho, mostrar um pouco da vida das crianças da nossa aldeia, e dos momentos importantes da infância, como o batismo, a escola, as brincadeiras, partindo desde antes mesmo do nascimento. Falamos também um pouco da escola, já que este espaço é tão importante para as crianças hoje. Depois da conclusão, há um caderno de imagens com fotografias das brincadeiras das crianças, feita pela autora desde trabalho.

CONCLUSÃO

Falar de infância é falar de começo, pois é onde tudo começa, desde o útero de nossas mães até onde se aprende a caminhar. Esse trabalho nos permitiu perceber o quanto as nossas crianças são importantes para nós, não só como indígenas, mas como cidadãos de bem. Através desse trabalho, pudemos lembrar da nossa infância, nossos bons tempos de criança, onde tudo era “um mar de rosas” e não tinha tantas coisas para se preocupar.

É de grande relevância pensar e falar de infância em meio à sociedade que vivemos hoje. Durante essa pesquisa tivemos o privilégio de ouvir nossos mais velhos (em especial nossas parteiras) falando dos seus conhecimentos sobre crianças, de um nascer saudável e de um tempo muito diferente do que estamos hoje. Um tempo onde o começo de tudo, o nascer das crianças, não era tão difícil, não havia tantos riscos para as mães e nem para as crianças. Ouvimos também as nossas crianças, falando de suas brincadeiras e do modo de se viver, ajudando seus pais dentro de casa ou nas plantações. O lúdico de nossas crianças se faz presente em todos os movimentos e eventos de nossa aldeia, onde as crianças têm grande participação e interação seja diretamente ou indiretamente.

Dada a importância do assunto, achamos relevante pesquisar a infância das crianças de nossa aldeia, pois, mesmo com todo esse avanço tecnológico, ainda estamos vendo o interesse por brincar, pois para as crianças de nossa aldeia brincar é uma forma de se aprender a se divertir, ao mesmo tempo em que se aprende a aprender.

É importante ressaltarmos ainda que as novas tecnologias possibilitaram a compra de alguns brinquedos industrializados para as nossas crianças, pois, antigamente as bonecas que as mocinhas brincavam, por exemplo, eram feitas à mão, pelas mães das meninas. Eram bonecas feitas de pano. Atualmente percebemos que em alguns casos esse cenário mudou, pois o que mais percebemos é que as mães das crianças do sexo feminino compram as bonecas já prontas para brincar, e não tem mais esse trabalho de passar dias ou horas costurando bonecas de pano. Da mesma forma para as crianças do sexo masculino, a maioria dos pais compram os carrinhos de brinquedos já prontos, na cidade. Porém, em outros casos, ainda existem aquelas crianças que os pais ensinam desde o início a preservar a tradição, a fabricar os próprios brinquedos, como, por exemplo, o cavalo de pau e o carrinho de madeira. Tudo isso nos faz pensar sobre a

importância que é transmitir esse conhecimento tradicional para as crianças, na questão da confecção dos brinquedos, valorizando cada vez mais a identidade indígena.

O desenvolvimento desse estudo nos possibilitou aprender muito mais sobre as crianças da nossa própria aldeia, elas nos ensinaram muito com suas brincadeiras e com suas formas de brincar. Nesse sentido acreditamos que esse trabalho irá contribuir com a comunidade de Corumbauzinho, podendo ser utilizado não só na escola, mas também entre as famílias da comunidade e das comunidades vizinhas.

Acreditamos que conseguimos atingir o nosso objetivo e esperamos que este trabalho não pare por aqui, mas que outros estudantes indígenas dêem continuidade na pesquisa, podendo aprofundar ainda mais na questão da infância das crianças aqui da nossa aldeia.

**CADERNO DE IMAGENS
DA INFÂNCIA EM CORUMBAUZINHO**







































